

DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE NA ERA DA PÓS-VERDADE: REFLEXÕES SOBRE FAKE NEWS E EDUCAÇÃO

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.027-007>

André Luiz Barriento

Discente de Doutorado PPGE da UFMT

E-mail: andreluizbarriento@gmail.com

Marcel Thiago Damasceno Ribeiro

Prof. Dr., Docente no PPGE da UFMT

RESUMO

Este estudo discute os desafios enfrentados pela educação na Era da Pós-Verdade e das fake news, onde a disseminação de informações falsas e a relativização da verdade impactam diretamente a prática docente. O conceito de Pós-Verdade, caracterizado pela prevalência de crenças pessoais sobre fatos objetivos, desafia o papel tradicional do professor como mediador do conhecimento. A partir da teoria da complexidade de Edgar Morin e da Pesquisa Narrativa de Clandinin e Connelly, este estudo argumenta que a adoção de uma postura reflexiva é essencial para que os professores enfrentem os desafios impostos pela desinformação. Metodologias, como a Análise Textual Discursiva e a Pesquisa Narrativa, são propostas como ferramentas eficazes no sentido de desenvolver uma educação crítica. O texto também discute ainda a necessidade de reformular a formação docente e de integrar políticas públicas que promovam o pensamento crítico e a alfabetização digital, preparando os professores para lidar com as novas dinâmicas informacionais da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Pós-verdade. Fake News. Educação Crítica. Prática Docente Reflexiva. Formação de Professores.



1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea atravessa um momento único em que as fronteiras entre fato e a opinião, a verdade e a mentira, estão cada vez mais fluidas. Esse fenômeno, conhecido como "Era da Pós-Verdade", ganhou notoriedade a partir de meados dos anos 2010, impulsionado pela ascensão das redes sociais e pela massificação do acesso à internet.

Em um mundo onde as emoções e as crenças pessoais parecem importar mais do que os fatos, surgem desafios para todas as esferas sociais, mas especialmente para a educação. O termo "Pós-Verdade" foi popularizado durante eventos globais como o referendo do Brexit e a eleição presidencial dos Estados Unidos em 2016, quando a disseminação de informações falsas ou distorcidas moldou a opinião pública de maneira decisiva.

No Brasil, a influência da Pós-Verdade se manifestou de maneira alarmante nas últimas décadas, impactando, entre outras áreas, a educação. A proliferação das chamadas fake news — informações falsas deliberadamente divulgadas com o intuito de enganar — trouxe desafios inéditos para o campo educacional, onde o professor se vê confrontado com estudantes que, cada vez mais, chegam à sala de aula munidos de informações distorcidas, formadas em bolhas de desinformação. Como pode o professor, nesse ambiente, desempenhar seu papel tradicional de mediador do conhecimento, quando a própria noção de conhecimento parece estar sob ataque?

Neste ecossistema comunicacional complexo, disfuncional e difícil de delimitar, o conceito de verdade que já vinha sendo desconstruído pelo relativismo, tem papel secundário, quase que inexistente.

Reatualizando o pensamento de Platão, que via entre a verdade e o poder um insanável conflito de interesses, ao ponto de considerar que as pessoas preferem o que é popular à verdade, hoje a retórica política continua a manter-se nesse equilíbrio instável onde a imprecisão da linguagem está ao serviço da persuasão e da construção de pós-verdades. (Figueira e Santos, 2019, p. 5)

A resposta a esse questionamento exige uma reformulação das práticas pedagógicas e um novo olhar sobre a formação docente. Neste texto, propomos uma reflexão sobre a prática do professor na Era da Pós-Verdade e a Crise das Fake News, com base na teoria da complexidade de Edgar Morin e nos princípios da Pesquisa Narrativa de Clandinin e Connelly. A partir dessas abordagens, argumentamos que o professor reflexivo tem um papel assencial na construção de uma educação crítica, capaz de promover o pensamento autônomo e a análise rigorosa das informações que circulam dentro e fora das salas de aula.

2 O DESAFIO DA PÓS-VERDADE PARA A EDUCAÇÃO

O conceito de Pós-Verdade desafia uma das bases mais fundamentais do pensamento humano e da educação: a busca pela verdade e pela objetividade no processo de ensino-aprendizagem. Na

prática educacional, sempre se partiu do pressuposto de que o conhecimento é algo passível de ser descoberto e compartilhado de maneira imparcial. No entanto, na Era da Pós-Verdade, essa premissa é questionada, e o papel do professor como figura de autoridade no campo do conhecimento é constantemente confrontado.

A Pós-Verdade se caracteriza pela prevalência das emoções e crenças pessoais sobre os fatos objetivos. Em vez de basear suas convicções em evidências, as pessoas, imersas em bolhas informacionais criadas pelos algoritmos das redes sociais, tendem a buscar informações que confirmem suas opiniões preexistentes. Essa dinâmica gera um ambiente de desinformação em que o diálogo racional se torna cada vez mais difícil, uma vez que as pessoas não estão dispostas a reconsiderar suas crenças frente a novas evidências.

Hoje, qualquer pessoa pode produzir (e distribuir) informação falsa (Southwell et al., 2018; Jenkins, 2006), fruto do novo paradigma da comunicação que marca o fim do velho monopólio em que os mass media viveram durante mais de um século, porquanto vivemos, agora, na expressão de Manuel Castells, numa sociedade de “autocomunicação de massas”. Tal significa que um indivíduo, sem formação específica na construção de informação ou, sequer, reputação, pode em muitos casos superar o número de leitores que órgãos de comunicação tão influentes como a CNN, Fox News ou The New York Times atingem (Figueira e Santos, 2019, p. 8).

Para a educação, isso representa um desafio substancial. Como argumenta Bauman (2001) em seu conceito de “modernidade líquida”, vivemos em uma época em que as certezas são temporárias, as verdades são fragmentadas e os valores são mutáveis. No contexto escolar, isso significa que os professores devem lidar não apenas com a transmissão de conteúdo, mas também com a tarefa de ensinar os alunos a navegar por um mundo de incertezas e ambiguidades. O ensino crítico, que sempre foi uma ferramenta fundamental para a formação cidadã, se torna ainda mais urgente nesse cenário.

Além disso, o fenômeno das fake news exacerba essa crise. Notícias falsas, muitas vezes apresentadas como reportagens confiáveis, circulam com facilidade pelas redes sociais e acabam sendo incorporadas ao repertório cognitivo dos estudantes. O que torna esse fenômeno ainda mais pernicioso é o fato de que, por vezes, essas notícias são construídas de forma a apelar para as emoções, o que as torna mais propensas a serem compartilhadas.

As fake news se espalham significativamente mais rápido e alcançam um público maior do que as informações verdadeiras. Isso coloca o professor em uma posição delicada: como corrigir a desinformação sem alienar os alunos que já estão convencidos da veracidade das notícias falsas que consomem?

A situação é ainda mais complexa pelo fato de que a autoridade do professor, tradicionalmente reconhecida na sala de aula, está sendo desafiada por fontes alternativas de informação. Como apontam Jenkins (2006) e Castells (2009), a ascensão da “autocomunicação de massas” permitiu que qualquer indivíduo com acesso à internet pudesse se tornar um produtor de conteúdo, desafiando os monopólios da informação que anteriormente eram detidos pelos meios de comunicação tradicionais. Nesse novo

cenário, a figura do professor como detentor do conhecimento é contestada por influenciadores digitais e outras fontes *online* que por vezes se apresentam como mais acessíveis e convincentes para os estudantes.

O impacto dessa crise de confiança no professor pode ser profundo, a nosso ver. Por um lado, os estudantes se sentem mais empoderados, acreditando que podem encontrar todas as respostas que precisam *online*. Por outro, esse empoderamento está muitas vezes fundamentado em uma confiança ingênua na veracidade de tudo o que é encontrado na internet. Isso cria um paradoxo: ao mesmo tempo que os alunos parecem mais informados do que nunca, eles podem estar, na verdade, mais vulneráveis à desinformação.

3 O PAPEL DO PROFESSOR REFLEXIVO NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Para enfrentar os desafios da Era da Pós-Verdade, o conceito de professor reflexivo, defendido por Donald Schön (1983) e ampliado por autores como Zeichner (1993) e Dewey (1933), torna-se imprescindível nos tempos atuais. O professor reflexivo é aquele que, em vez de aplicar mecanicamente técnicas pedagógicas predefinidas, está constantemente refletindo sobre sua prática, adaptando-a às necessidades dos alunos e aos desafios impostos pelo contexto social e político.

Schön (1983) introduziu a ideia de que o conhecimento profissional não é algo fixo, mas sim dinâmico e contextual. Ele argumenta que os profissionais, inclusive os professores, aprendem não apenas aplicando teorias abstratas, mas também refletindo sobre suas próprias experiências de prática, o que ele chama de "reflexão-na-ação". Para os professores, isso significa que, ao se depararem com situações inesperadas na sala de aula — como o impacto de fake news ou a resistência dos alunos a aceitar fatos objetivos — eles precisam ser capazes de refletir rapidamente sobre a melhor forma de lidar com esses desafios.

Dewey (1933), no entanto, complementa essa perspectiva ao defender que a reflexão é uma forma de pensamento ativo, deliberado e persistente que tem como objetivo resolver problemas. Para Dewey, a educação deve ser vista como um processo contínuo de reconstrução da experiência. Aplicado ao contexto contemporâneo, isso significa que os professores devem encarar o confronto com a desinformação não como um obstáculo, mas como uma oportunidade para engajar os alunos em uma reflexão mais profunda sobre o que é conhecimento, como ele é construído e quais são suas implicações para a vida social e política.

Um aspecto central da prática reflexiva é o compromisso do professor com a aprendizagem contínua. Zeichner (1993) argumenta que a formação de professores reflexivos requer não apenas o desenvolvimento de habilidades pedagógicas, mas também uma profunda compreensão dos contextos sociais e culturais em que a educação está inserida. No contexto da Era da Pós-Verdade, isso significa



que os professores precisam estar cientes de como as fake news e a desinformação afetam a percepção dos alunos sobre o mundo, e estar preparados para abordar essas questões de forma crítica e dialogada.

A reflexão crítica também pode ser estendida ao próprio papel do professor. Como argumenta Freire (1996), o educador deve ser um agente de transformação social, e não apenas um transmissor de conteúdos. Para isso, seria necessário que o professor adotasse uma postura dialógica, aberta à escuta e ao questionamento, tanto por parte dos alunos quanto de si mesmo. A pedagogia da autonomia defendida por Freire enfatiza a necessidade de formar alunos que sejam capazes de pensar criticamente, questionar as informações que recebem e participar ativamente na construção do conhecimento.

A lógica da ação reflexiva é contrária a uma posição rotineira, passiva e acomodada. Além da atividade automatizada, orientada por impulso, tradição ou autoridade, busca unir razão e emoção, de maneira atrelada, para oportunizar uma visão ampla para perceberem os problemas (Geraldini *et al.*, 1998).

As professoras e os professores com ações reflexivas não ficam presos a uma só perspectiva, examinam criteriosamente as alternativas que a eles se apresentam como viáveis, como também aquelas que lhes parecem mais distantes da solução, com o mesmo rigor, seriedade e persistência (Geraldini *et al.*, 1998, p. 191).

No entanto, a implementação de uma prática reflexiva requer mudanças significativas na formação dos professores. Isso implica não apenas a inclusão de disciplinas que abordem a Pós-Verdade e as fake news nos cursos de licenciatura, por exemplo, mas também a criação de espaços para que os professores em formação reflitam sobre suas próprias experiências e desenvolvam estratégias para lidar com a desinformação em sala de aula.

4 METODOLOGIAS PARA ENTENDER O ENSINO EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE

Diante dos desafios impostos pela desinformação e pela Pós-Verdade, a adoção de metodologias inovadoras é essencial para que possamos entender os professores no desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovam o pensamento crítico e a análise rigorosa das informações. Entre essas metodologias, destacam-se a Pesquisa Narrativa, a Análise Textual Discursiva e a Teoria da Complexidade, propostas que oferecem ferramentas eficazes para entendermos as complexidades da sociedade contemporânea.

A Pesquisa Narrativa, como defendida por Clandinin e Connelly (2011), propõe que o ensino seja visto como uma experiência contínua de contar e recontar histórias, tanto por parte dos professores quanto dos alunos. Esse método permite que possamos utilizar as narrativas dos professores como ponto de partida para uma análise crítica das informações que eles trazem para a sala de aula. Ao incentivá-los a contar suas próprias histórias e a refletir sobre como suas crenças foram formadas, podemos identificar os desafios da docência nesses tempos de grandes mudanças tecnológicas.



Além disso, a Pesquisa Narrativa permite que os professores reflitam sobre suas próprias práticas e experiências, ajudando-os a identificar os momentos em que podem ter sido influenciados pela desinformação ou por preconceitos inconscientes. Essa autorreflexão é fundamental para que o professor possa adaptar suas práticas pedagógicas e criar um ambiente de ensino mais aberto ao diálogo e à crítica construtiva. Dessa maneira, o pesquisador narrativo não prescreve usos e aplicações gerais, mas em contrapartida oferecem um lugar para o leitor imaginar seus próprios usos e aplicações sobre os fenômenos narrados.

Educadores estão interessados em vidas. Vida, pegando emprestado a metáfora de John Dewey, é Educação. Educadores estão interessados na aprendizagem e no ensino e no como esse processo ocorre; eles estão interessados em saber lidar com as vidas diferentes, os valores diferentes, as atitudes diferentes, as crenças, os sistemas sociais, as instituições e estruturas e no como eles estão todos unidos para aprender e ensinar. (Clandinin e Connelly, 2015, p. 22).

Clandinin e Connelly (2001) ressaltam ainda que Dewey contribui para pensarmos a experiência “além da caixa preta”, ou seja, além da noção de que a experiência é algo irreduzível, que não poderia ser investigada. Assim, relatam o aspecto tridimensional a partir dos termos que utilizam:

[...] nossos termos são pessoais e sociais (interação); passado, presente e futuro (continuidade); combinados à noção de lugar (situação). Esse conjunto de termos cria um espaço tridimensional para a investigação narrativa, com a temporalidade ao longo da primeira dimensão, o pessoal e o social ao longo da segunda dimensão e o lugar ao longo da terceira. (Clandinin e Connelly, 2011, p.85)

A Análise Textual Discursiva (ATD), por sua vez, oferece uma abordagem sistemática para a análise de textos e discursos, o que pode ser particularmente útil no contexto da Pós-Verdade. Como argumentam Moraes e Galiazzi (2011), a ATD pode auxiliar para o desenvolvimento do pensamento crítico, uma vez que ensina o pesquisador a buscar evidências que corroborem ou contradigam as hipóteses levantadas.

A Teoria da Complexidade, proposta por Edgar Morin (2006), também oferece insights valiosos para o enfrentamento da desinformação. Morin argumenta que a realidade é composta por múltiplos fatores interconectados, e que o conhecimento não pode ser reduzido a uma visão simplista ou fragmentada. Aplicada à educação, a Teoria da Complexidade contribui para que os professores possam incentivar os alunos a ver o conhecimento como um todo inter-relacionado, em vez de compartimentá-lo em disciplinas isoladas. Isso significa que, ao discutir uma notícia falsa sobre ciência, por exemplo, o professor possa demonstrar como essa notícia está relacionada a fatores políticos, econômicos e sociais, ajudando os alunos a desenvolver uma visão mais equilibrada e crítica do mundo.

Além dessas metodologias, a incorporação crítica das Tecnologias de Informação Digital e Comunicação (TICs ou TIDCs) no currículo escolar é essencial para o desenvolvimento de habilidades de alfabetização digital. Isso implica ensinar os alunos a identificar fontes confiáveis de informação, a avaliar criticamente o que leem e a reconhecer os sinais de desinformação. O uso das tecnologias de



forma crítica pode transformar as ferramentas digitais de disseminação de fake news em aliados da educação crítica, capacitando os alunos a navegar com segurança no vasto universo de informações da internet.

5 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS

Para que os professores estejam preparados para enfrentar os desafios da desinformação, é necessário que as políticas públicas educacionais promovam a formação contínua e o desenvolvimento de competências críticas entre os docentes. No Brasil, a formação de professores ainda é marcada por um enfoque excessivamente técnico, com pouca ênfase no desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo. Isso pode ser diferente.

Uma formação docente que prepare os professores para lidar com a Era da Pós-Verdade exige incluir disciplinas que abordem as implicações das TIDCs, as fake news e a desinformação. Além disso, é necessário que os professores em formação sejam expostos a metodologias inovadoras que lhes permitam desenvolver práticas pedagógicas mais reflexivas e críticas.

As políticas públicas também podem incentivar a formação continuada dos professores, com foco no desenvolvimento de competências que os ajudem a lidar com as novas dinâmicas informacionais da sociedade contemporânea. Isso pode ser feito por meio de programas de formação continuada que ofereçam cursos e workshops sobre como combater a desinformação e promover o pensamento crítico em sala de aula.

Além disso, as políticas educacionais devem promover a integração das TIDCs no currículo escolar de maneira crítica e reflexiva. Isso significa que, em vez de simplesmente ensinar os alunos a usar as ferramentas digitais, os professores devem ser incentivados a discutir as implicações éticas e sociais dessas tecnologias, ajudando os alunos a se tornarem consumidores e produtores de informação mais críticos e responsáveis.

6 CONCLUSÃO

Vivemos em uma era de incertezas e complexidades, em que as fronteiras entre verdade e mentira estão cada vez mais nebulosas. Nesse cenário, o papel do professor é extremamente importante. O professor deve ser mais do que apenas um transmissor de conhecimento; tem condições de ser um facilitador do pensamento crítico, capaz de oferecer aos alunos um caminho em sua jornada para se tornarem cidadãos informados e conscientes.

A prática reflexiva, conforme defendida por autores como Dewey, Schön e Zeichner, oferece uma abordagem poderosa para que os professores enfrentem os desafios da Era da Pós-Verdade, especialmente ao incentivar a adoção de uma postura crítica e reflexiva. Assim, os professores podem



ajudar os alunos a navegar pelo mar de desinformação que permeia nossa sociedade, capacitando-os a questionar, analisar e, finalmente, agir com base em informações confiáveis.

No entanto, para que isso aconteça, é necessário que as políticas públicas educacionais promovam a formação contínua e crítica dos professores, capacitando-os a lidar com as novas demandas da sociedade contemporânea. Ao combinar metodologias inovadoras com uma abordagem crítica da educação, poderemos sonhar com a construção de um sistema educacional mais resiliente e preparado para enfrentar os desafios da Pós-Verdade.

As perguntas levantadas por esta reflexão não são simples de responder, mas é exatamente por isso que elas são tão relevantes em nosso momento histórico. A formação de cidadãos críticos e informados depende da nossa capacidade de enfrentar a desinformação de modo a promover uma educação que valorize a verdade, o diálogo e a reflexão.



REFERÊNCIAS

- BAUMAN, S. Modernidade Líquida. Zahar, 2001.
- CLANDININ, J.; CONNELLY, M. Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores IEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- DEWEY, John. Como pensamos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.
- FIGUEIRA, J.; SANTOS, S. As Fake News e a Nova Ordem (DES) Informativa na Era da Pós-Verdade. Edição do Kindle. Portugal: Imprensa Universidade de Coimbra, 2019.
- FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Edição do Kindle. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GERALDI, G. M. G; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. A. (Org.). Cartografias do trabalho docente: professor(a) pesquisador(a). Campinas-SP: Mercado das Letras, 1998.
- GIACOIA JR, O. Pós-Verdade. Conferência de abertura no Seminário Pós-Verdade do Instituto de Estudos Avançados (IdEA) da Unicamp, em 11 de setembro de 2018. Vídeo publicado no canal do Instituto no Youtube. Campinas-SP, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SYDSO_zAXMo>. Acesso em 18 jun. 2021.
- JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2006.
- MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- SHÖN, Donald A. Formar Professores como Profissionais Reflexivos. In: NÓVOA, Antonio. Os Professores e a Sua Formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 77-92.
- ZEICHNER, Kenneth M. A formação reflexiva de professores: ideias e práticas. Lisboa: Educa, 1993.